



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

CASA DAS MINAS: UMA RESISTÊNCIA AFRICANA NO MARANHÃO

EMYLLE COSTA OLIVEIRA ¹

MARGARETH GOMES DE FIGUEIREDO ²

Resumo: Trata-se de uma pesquisa exploratória acerca do Terreiro da Casa das Minas no Estado do Maranhão. Foi realizado um levantamento bibliográfico utilizando livros, artigos e pesquisa de campo com o objetivo de entender a historicidade desse patrimônio, início na Capital, e seu rito. Observou-se que o início da Casa ocorreu há 150 anos, mas ainda apresenta notoriedade no meio religioso afro-maranhense. Sua origem ocorreu por meio dos negros jeje vindos do Sul de Benin, cujo culto é conhecido por preservar a cultura jeje-dahomeana, realizando os ritos ao som de instrumentos únicos. Diante do exposto, foi possível entender a origem e fundação da Casa das Minas, bem como o seu papel fundamental para a resistência e preservação indenitária do povo maranhense.

Palavras-chave: Religião. Arquitetura. Afro-Maranhense

1. Início da Religião Africana no Estado

Observando o período colonial até o século XVIII, não existiam denominações para nomear os tipos de cultos e religiões de matrizes africanas existentes pelo País, e sim uma associação em relação às regiões do Brasil, dentre as quais, destacando-se o Tambor de Mina presente no Maranhão, Candomblé na Bahia, o Xangô em Pernambuco, a Umbanda no Rio de Janeiro, e o Batuque no Rio Grande do Sul. Existiam também os cultos às entidades caboclas e a Encantaria, nos quais as entidades não tinham raízes brasileiras, ou seja, eram encantados vindos da França, Turquia, entre outros. Havia então termos que definiam todas essas religiões que até então não eram divididas por nomenclaturas africanas, conforme relatado por Silva (1995, p. 43, apud LINDOSO, 2014, p. 19):

No século XVIII os termos citados acima eram utilizados para determinar as religiões, e somente no século seguinte que se começa a surgir as primeiras casas de religião com fundação em terreiros, e os cultos afros no Brasil começam a passar por três fases como afirma Prandi (1999, apud LINDOSO, 2014, p. 200).

De acordo com Teixeira (apud SANTOS, e NETO 1989, p.19):

¹ Graduada em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual do Maranhão - emylle.oliveira@gmail.com

² Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Estadual do Maranhão - margothgf@hotmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Estão divididos em três categorias. Primeiramente os autores apontam para os terreiros de mina que possuem lideranças de pessoas que estão atreladas aos terreiros mais tradicionais como o Terreiro do Egito, (já extinto) da Turquia e a Casa de Nagô, esta última permitiu que fossem fundadas diversas outras casas de culto na capital e no interior, sendo responsável por grande número de iniciados no Tambor de Mina. Um segundo conjunto dos terreiros de São Luís que podemos destacar, são os que se definem enquanto mina, procurando inspiração dos terreiros mais antigos, no entanto recebem forte influência da Umbanda em seus rituais. Em relação ao primeiro aspecto citado como a Casa de Nagô, o Terreiro do Egito e o da Turquia, são intitulados ainda enquanto terreiros de raiz e certamente neste título possuem mais prestígio em relação às casas. A Casa das Minas e a Casa de Nagô são denominadas enquanto matriarcas por pesquisadores, pelo fato de possuírem a tradição de serem lideradas por mulheres. E, finalmente, temos aqueles terreiros que se assumem enquanto terreiro de Umbanda, podendo ocorrer em alguns casos de esses não atribuírem muito valor e prestígio ao Tambor de Mina.

Figura 1 – Grupo de fiéis da Casa de Nagô, amigas de gente da Casa das Minas.



Fonte: [S.l.: s.n.], Acervo Digital (2017).

Diante do exposto, vale ressaltar que existe uma diferenciação entre esses segmentos, visto que o tambor de mina vem a ser o culto às entidades africanas, no qual os protagonistas são os voduns, ancestrais da família real do reino de Daomé. Os orixás também são cultuados e representados pelas forças da natureza, ou seja, elementos oriundos da água, terra, ar e fogo. Já os caboclos não se enquadram como espíritos brasileiros, pois apresentam diferentes ancestralidades, como turcos, franceses, portugueses, conforme explicação seguir:



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Na Mina maranhense, os caboclos “[...] são denominados genericamente como todas as entidades espirituais que não eram cultuadas pelos negros antes da abertura dos primeiros terreiros de religião afrobrasileira” (BARROSO JR, 2013, p.86), porém não devem ser confundidos como índios, embora apresentem alguma ligação com eles. O caboclo é definido, conforme a mitologia do mesmo na mina maranhense, como sendo brancos europeus turcos (mouros) e crioulos, que podem ser de origem nobre ou popular que entraram na mata ou na zona rural, ou ainda que, renunciando ao trono e à civilização, aproximaram-se da população nativa indígena, miscigenando-se com ela e distanciando-se de certo modo dos padrões de comportamentos das camadas dominantes de uma elite nobiliárquica. São também, em menor escala, índios “civilizados” (acabocladados) ou miscigenados, recebidos na Mina como caboclos. Porém, há também a realização de rituais onde são recebidas em transe mediúnico entidades que apresentam características estereotipadas de índios na condição de “selvagens”, e esse ritual é conhecido como tambor de índio, tambor de Borá ou canjerê, embora esse tipo de ritual não seja realizado em todos os terreiros (APUD NUNES, 2018, P.28)

Eles baixam quando acontecem rituais com tambor, popularmente chamados de “toques” em dias de festa dos santos católicos. A literatura relata que a partir dos anos 1960, tanto na capital quanto no interior do estado, a Mina sofreu influências da Umbanda, originando uma religião “cruzada”, uma vez que houve um alinhamento entre muitos costumes da Mina e da Umbanda (Ferretti, 1996, p.3). Os mais adeptos no Estado a este segmento de religião são pessoas procedentes da classe média, existindo muitos pais-de-santo com instrução de nível superior. Nos elementos desse dogma, há uma forte presença da mina, e de orixás do candomblé, como Xangô, Yansã e outros. Porém, existem especificidades que diferenciam os dois cultos, como é mostrado a seguir:

A Umbanda não lida propriamente com os orixás (deuses do Panteão Africano), mas com a incorporação em seus médiuns de espíritos desencarnados, tais como: o caboclo, o preto-velho, a criança, o baiano, o boiadeiro, o espírito da água, o Exu. Para a Umbanda, esses espíritos são entidades espirituais desencarnadas que retornam ao plano terrestre por estarem em processo de evolução espiritual. (SALES, 2017, p.6). Com efeito, pode-se opor Umbanda e candomblé como se fossem dois polos: um representando o Brasil, o outro a África. A Umbanda corresponde à integração das práticas afro-brasileiras na moderna sociedade brasileira; o candomblé significaria justamente o contrário, isto é, a conservação da memória coletiva africana no solo brasileiro. (ORTIZ, 1999, p. 16).



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Como diz FERREIRA (1984, apud FERRETTI, 1996 p.13), O Candomblé só foi introduzido nos terreiros de São Luís em 1981, após a ‘troca de axé’ do pai-de-santo e fundador da Casa Fanti-Ashanti em terreiro de Pernambuco, embora o nagô da Bahia, há muito, exercesse ali grande fascínio, como ele mesmo explica em livro publicado em 1984.

Um dos pontos principais do candomblé no Estado, é o culto aos orixás nagôs, como Iemanjá, Ogum, Obaluaiê e outros, além das danças, ladainhas, roupas, instrumentos utilizados e muitos costumes que são diferentes do tambor de mina. É interessante deixar claro que existem diferenças entre os costumes, segundo (SANTOS,2010, p.30, apud GOIS, 2013), pois:

O Candomblé é uma religião que se organiza a partir do culto aos Orixás, Inquices e Voduns, divindades originárias do panteão africano, mas também incluem as Entidades do universo mítico- religioso do Brasil, tais como Caboclos e Marujos, considerados, por alguns, espíritos de antepassados e geralmente subordinados àquelas outras divindades supracitadas. A divindade suprema é Olorum, o criador do mundo que designou a criação e a sua manutenção às divindades acima. Olorum não tem culto direto. Seu culto é feito através das divindades que ordenam o mundo e a vida das pessoas. Cada orixá pode se subdividir em algumas “figuras” ou “manifestações” particulares, cada qual associada a uma passagem ou episódio de sua mitologia. Assim, enquanto Oxaguiã é o Oxalá jovem e está associado à cultura material, Oxalufã é o Oxalá velho e se associa à criação do homem. Em muitos templos, cada orixá tem um correspondente entre os santos católicos. Assim, é comum que Iansã, orixá que comanda as tempestades, seja associada a Santa Bárbara. Ressalte-se que, na África, cada templo é dedicado a apenas uma divindade, enquanto, os templos ou terreiros do candomblé, ainda que tenham um orixá patrono, dedicam-se ao conjunto total das divindades. “(MARCUSSEI, 2010.)

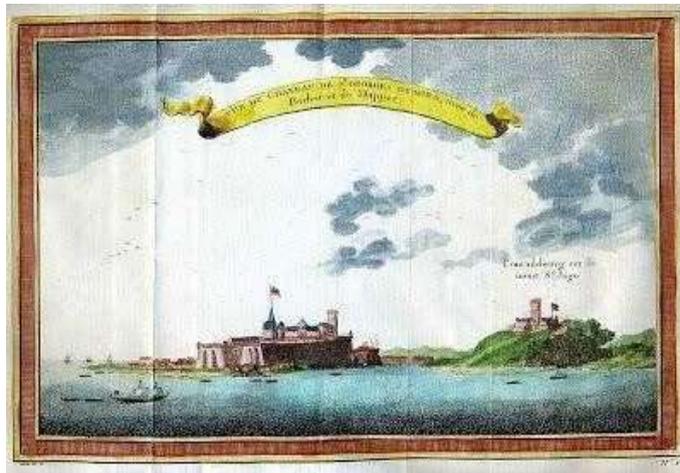
2. Começo da Mina no Maranhão



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
**Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas**

Sugere-se que o termo 'mina' é originário do forte que, atualmente, é situado na República de Gana, denominado Forte de São Jorge da Mina. Este local era considerado um dos mais antigos centros de comércio de escravos na África à época. O nome também veio de um determinado grupo étnico absorvido pelo tráfico no séc.XIX, e que posteriormente no Brasil foi atribuído aos escravos vindos do Golfo de Benin, na África Ocidental, e chamados particularmente de negros mina ou jeje, justamente por terem vindo da parte Sul de Benin, do qual já foi parte de um grande reino chamado Daomé (FERRETTI,1996).

Figura 2 – Fortaleza de São Jorge da Mina e Castelo no monte de S. Tiago (1750).



Fonte: [S.l.: s.n.] Civilizações africanas (2010).

De acordo com Ferretti (1996, p.11), o culto se caracteriza como uma crença que traz a possessão, pois entidades são reverenciadas e incorporadas em participantes, mais relevantemente em mulheres filhas-de-santo ou vodúnsis, que são incorporadas pelos seus voduns em períodos de festividade ao som de instrumentos característicos. Esse fenômeno religioso africano faz parte da cultura local, e sua ação proporciona significado e resistência cultural pela preservação da identidade de um povo.

A prática religiosa apresenta elementos originários dos cultos afros e da religião católica, visto que anualmente acontecem festividades em respeito aos voduns. Estas cerimônias que os homenageiam sempre acontecem em datas dos santos importantes, e é costume chamar esta comemoração de “dia do toque”, no qual acontecem toques dos tambores, canções, e danças de divindades, assim como, o uso de alimentos e bebidas para



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

divertimento. Quando ocorrem esses momentos, sempre é costume iniciar a comunicação das divindades com os religiosos, e os devotos sempre pedem proteção ou pagam as promessas.

No Estado a Casa das Minas é o terreiro mais antigo que iniciou o culto no Estado, servindo assim de exemplo para outras casas que praticam a religião africana. Os nomes para este local variam entre Casa das Minas jeje, Casa grande das Minas, Casa Querebentã de Zomadônu ou até Terreiro de Zomadônu, cujo significado vem da denominação de uma divindade masculina da família de Davice, que foi vodum da fundadora do templo e das chefes iniciais da Casa. Por isso, é o dirigente principal da Casa, evidenciando assim uma tradição religiosa, como mostra uma parte do documento em relação à Casa das Minas feito no registro da UNESCO do colóquio Internacional em São Luís, que debateu as “Sobrevivências das Tradições Religiosas Africanas na América Latina e no Caribe” (1986, p.34, Apud FERRETTI, 1996, p.35). É descrito que a tipicidade do culto são os voduns, que aparecem para fazer o tratamento de dificuldades de pessoas, como os problemas na vida, além de doenças.

Outro ponto que vale ser ressaltado, é que conforme Nunes Pereira (1979), “a organização da Casa apresenta coesão familiar, regras de domínio matriarcal, e parentescos que se relacionam aos voduns.” Há também várias invocações secretas no tambor de Mina, como fala Elbein dos Santos quando menciona o sistema:

A palavra proferida tem um poder de ação. A transmissão simbólica, a mensagem, se realiza conjuntamente com gestos, com movimentos corporais, a palavra é vivida, pronunciada, está carregada com modulações, com emoção com a história pessoal, o poder e a experiência de quem profere (Santos, 1976, p. 12-13).

Por ter seu regime matriarcal, as mulheres possuem desempenho mais importante que os homens, pois somente elas recebem seus voduns e dançam, enquanto os homens são colocados em posições subalternas, somente tocam os tambores e participam dos rituais. Existe um poder entre as mulheres no ritual africano, como exemplifica Silverstein (1979, p. 134-69, apud FERRETTI, 1996, p.254):

Analisa o significado do poder ritual da mulher nos candomblés baianos, verificando suas relações com a sociedade envolvente. Constata ela que, na Bahia, os candomblés



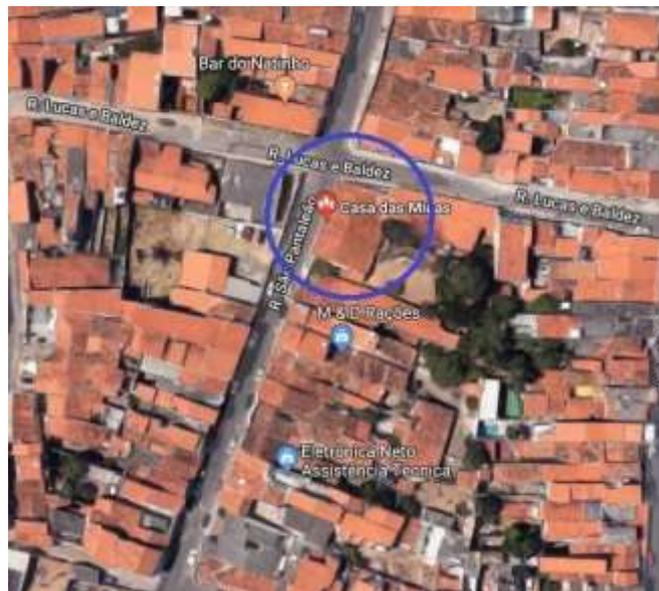
SALVADOR E SUAS CORES [2021]

Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas e da Diáspora Negra nas Américas

dão poder e distinção à mulher negra e pobre, sendo talvez seu único veículo de entrada na sociedade dominante.

A Casa teve seu início em 1° de maio de 1847, está localizada na Rua de São Pantaleão, e tem seu espaço físico formado por duas casas térreas (lembranças) tipo ¾ de moradia, que ocupam, incluindo o lote, uma dimensão de 1.500 m². Sua edificação possui seis janelas e duas portas que tem sua abertura feita em contato com a rua principal.

Figura 3 – Recorte com a localização da Casa das Minas.



Fonte: Google Maps com edição feita pela autora (2019).

Figura 4 – Planta esquemática da Casa das Minas com explicação dos cômodos (2001)



Fonte: IPHAN com edição feita pela autora (2019).



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

A construção também apresenta um pátio interno central típico das construções feitas na Nigéria e no Benin, ademais, a moradia não possui forro, o que traz a aparição do madeiramento antigo com telhas coloniais. A casa pode datar em aproximadamente 150 anos, visto que o documento mais antigo é uma titulação do imóvel em nome de Maria Jesuína, no ano de 1847. A Casa das Minas passou por dois lugares, como salienta Sérgio Ferretti:

As filhas atuais dizem que esta é a segunda casa, pois uma anterior funcionou à Rua de Sant'Ana, num terreno baixo entre a Rua da Cruz e a Godofredo Viana. Mãe Andresa, quando ia assistir a missa da Igreja do Carmo, passando por ali mostrava diversas vezes a Dona Deni o lugar onde as mais velhas diziam que funcionara a primeira Casa. Não sabem por quanto tempo a casa funcionou ali. Tiveram que mudar, pois a cidade estava crescendo e, naquele tempo, ainda havia muitos sítios e terrenos vazios à Rua de São Pantaleão. Parece também que a primeira casa foi dirigida por, ou pertencia a um homem (FERRETTI, 1996, p.58).

Segundo a tradição e como foi contato por Mãe Andresa a D. Deni, a casa teria antes funcionado provisoriamente numa senzala à Rua de Sant'Ana, próximo de onde foi o Cine Éden, e um de seus donos era um homem (FICHTE, H. 1989, p. 77).

Figura 5 – Recorte com a suposição da localização da primeira Casa das Minas no mapa da Capital em 1912



Fonte: Brasiliana Fotográfica com edição feita pela autora (2019).

Nesse contexto, os negros africanos jeje trazidos para o Estado foram os principais precursores na iniciação do terreiro, como Mãe Andresa relata para Nunes Pereira (1979, p.24, apud FERRETTI, 1996, p.58) que “quem assentou a Casa foi “contrabando”, gente mina jeje vinda da África que trouxe o comé consigo”. Na tradução para o vocabulário brasileiro, “contrabando” vem ser os escravos que eram trazidos depois do ano de 1831,



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

época da primeira ordem que impedia o tráfico de negros africanos, mas que, infelizmente, foi descumprida por duas décadas.

Figura 6 – Fachada da Casa das Minas



Fonte: Ribeiro, Wikiwand (2018).

É sugerido que a fundação da casa das minas ocorreu por membros da família real de Abomey no reinado de Adandozã, que foram vendidos para o Brasil como escravos (17971818) (Costa, 1952, p.157, apud FERRETI, 1996, p.22). Atualmente, o grupo presente na casa afirma que sua fundação foi feita por Mãe Maria Jesuína, africana, e que teve também participação na primeira Casa. O tambor de Mina constitui uma hereditariedade de família e isso é presente na Casa das Minas também, mas apesar das pessoas que participam serem de rendas mais baixas, ela ainda não é uma crença democrática, pois só são aceitas pessoas com vodum jeje.

2. Iniciação

3.

Segundo Ferreti (1996), as filhas-de-santo passam por uma iniciação chamada de feitoria, em que começam a ser denominadas de vodúnsis-gonjaís e recebem uma entidade infantil nomeada de tobóssi, ou menina. As últimas gonjaís morreram nos anos 70 e, a partir disso, não se teve mais a iniciação.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Aconteceram duas iniciações na Casa, em dezembro de 1914 ocorreu a última, e a outra, ocorreu duas décadas antes, pois deve-se existir uma pausa de até vinte anos em meio a um barco e outro. Nesse ano em questão foram iniciadas gonjaís como Mãe Andresa e Mãe Leocádia. Cada mãe só pode ordenar um barco e fica encarregado de dirigir umas das filhas com maior capacidade. Nesse processo, só deve entrar aquelas que já possuem responsabilidade, com mais de dezesseis ou dezoito anos, além de dançar há pelo menos dez anos na Casa.

O barco em questão teve dezoito gonjaís, o anterior a este ficou com nove, e ao todo tiveram trinta gonjaís contabilizando com as africanas iniciadas anteriormente ao ano de entrada no terreiro. Na última tentativa e mais recente feitoria, aconteceram mudanças e falhas, visto que aumentaram a quantidade de fiéis selecionadas nos parâmetros de escolhas, e no grau destas pessoas. Dona Laurentina havia sonhado com um barco somente com doze vodúnsis, mas entraram dezoito nesse processo.

Figura 7 – Relação das Vodúnsis na última feitoria.

³Relação das dezoito *vodúnsis gonjai* preparadas na última *feitoria*, realizada em 1914, com os nomes de seus voduns:

<i>Vodúnsi</i>	<i>Vodum</i>	<i>Vodúnsi</i>	<i>Vodum</i>
1. Zulima	Doçu	10. Glória	Bedigá
2. Anéris	Agongono	11. Caetana	Toçá
3. Cecília	Doçupé	12. Emília	Azacá
4. Zila	Apojevó	13. Antônia	Decé
5. Teresa	Boçucó	14. Raimunda	Sepazim
6. Medúsia	Toçá	15. Filomena	Poliboji
7. Adalgisa	Agongone	16. Manoca	Daco
8. Felicidade	Poliboji	17. Chiquinha	Toçá
9. Almerinda	Liçá	18. Arcângela	Apojevó

Fonte: FERRETTI (1996).

Na época, a Mãe da Casa se chamava Hosana e encarregou Dona Maria Quirina de comandar o barco. Então, além de fiéis acima da contagem permitida, ainda tinham pessoas muito novas que não possuíam anos de dança consideráveis. Houve também a exclusão de mulheres que já estavam preparadas para esse momento e preferência de senhoras com mais posses. Outro ponto que vale ser ressaltado, é que Dona Almerinda, também filha, foi selecionada, mas não poderia participar por ser um vodum mudo, o que a impossibilitaria de receber tobóssi. Falam que por conta desses erros, várias gonjaís foram morrendo em curto tempo. A feitoria havia acontecido no mês de



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

dezembro e no início do ano, Maria Quirina que era chefe desse barco faleceu. Conseqüentemente, em seguida, aconteceram as mortes de outras.

Figura 8 – Vodúnsis com tobóssis após a última feitoria de gonjaís de 1914. Ao centro, Mãe Andresa.



Fonte: FERRETTI (1996).

4. A explicação da Teogonia

A crença realizada na Casa passou por um método de aspectos não comentados em relação às divindades. É um costume o sigilo ao retratar esses assuntos, especialmente os que agregam contextos sobre a divindade que protege cada pessoa. Esse mistério acerca do ritual é mostrado por Euclides, que é chefe da Casa de Fanti-Ashanti:

No Maranhão vigora o antigo costume de o pessoal dos terreiros não dizer o nome das divindades. Muitas vezes dizem apenas o apelido. No antigo terreiro do Egito, a divindade equivalente a Oxalá era conhecida como Rei dos Mestres. Na Casa de Nagô, até hoje muitas divindades são conhecidas apenas por apelidos, como Pedrinho ou Joãozinho (FERRETTI, 1996, p. 89).

Dona Celeste afirmava que as gonjaís anteriores tinham conversas em linguagem jeje em conjunto aos voduns, e quem aparecesse, não tinha entendimento de nada. Sendo assim, as filhas tiveram pouca familiaridade e vivência com as já falecidas, e vários assuntos não se possui entendimento, para Ferreti (1996, p. 89): “Dona Joana também dizia, por exemplo, que entendia o significado dos cânticos, pois as mais velhas lhe explicaram, mas é segredo e ela não podia revelar.”

A proteção e sigilo dos cultos eram costumes de vários terreiros de Mina no Estado e, na Casa das Minas, Mãe Anéris sempre se referia aos voduns como sombra, além de serem



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

chamados de brancos. Com todo o mistério acerca do assunto, várias coisas não foram esclarecidas para as fiéis mais recentes, e com o falecimento das mais velhas, os segredos foram desaparecendo, e conseqüentemente, o conhecimento total sobre essa temática religiosa afro-maranhense.

4. O que seriam os Voduns

“Dona Deni diz que é muito difícil chegar-se até Deus. Tudo depende Dele através dos voduns. Depois de Deus vêm os santos da Igreja Católica, que são os verdadeiros santos, já estão purificados e não pedem nada.” (FERRETTI, 1996, p.91).

As histórias repassadas, abordam sobre os santos não poderem ser baixados. Há uma necessidade de interceder por meio dos guias, então os voduns iniciam os seus pedidos e os santos mandam. Os voduns possuem o hábito de ajudar aqueles que estão necessitados através de manifestações, porém não se é permitido mandar neles ou trazer oferendas. Se os problemas forem naturais, a interferência dos voduns não pode acontecer, mas se for por perturbação, eles podem agir, pois é algo de missão obrigatória deles e, ao mesmo tempo, precisam das pessoas.

“Os voduns não estão acima dos santos, pois baixam em qualquer médium, e os santos não baixam.” (FERRETTI, 1996, p.92). Onde houver festividades, as divindades aparecerão. Se quiserem praticam o que anseiam, sendo costume surgirem na hora do toque. Assim, a mitologia presente na Casa é influenciada pela igreja Católica e pelos princípios do Espiritismo. Todo vodum, individualmente, possui veneração aos santos e possuem responsabilidade por acontecimentos da natureza, como as águas, os ventos, plantas e doenças. Na possessão, a divindade não vem de forma repentina, mas vai se aproximando e a manifestação acontece de forma rápida e somente nas filhas. Um dos pontos que diferenciam a Casa de outras, é que os médiuns não possuem condição de ter um vodum a mais, mas esse vodum pode possuir muitas filhas e baixar em tempos iguais.

Ao final dos rituais, os voduns vão para a Sala Grande para conversar, mas jamais tentam se deitar nas redes do templo, e não possuem necessidades de comer, beber ou até dormir, e se alguém pedir o mal ao vodum, irá receber em dobro a solicitação para si. Os



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

voduns representam o masculino e o feminino, e possuem o nome de tói e nochê, respectivamente, além de pertencerem a famílias, como afirma Ferretti (1996, p.94):

Os voduns de cada grupo ou família têm suas características. Os de Quevioçô são quase todos mudos, exceto os dois mais novos. Eles curam com passes e preces. Os de Dambirá curam com raízes e remédios. Os voduns de Quevioçô são das águas e dos astros: Badé protege contra o raio ou corisco, Loco acalma as tempestades, Liçá representa o sol, Averequete é a estrela-guia, Abé é a sereia, Nanã representa os pântanos. Os de Dambirá são voduns da terra, combatem as doenças e a peste. Entre eles, Boçucó se transforma em serpente. Os voduns de Davice são os da família real: Naé representa a paz, Dadarrô o governo, Sepazim é a imperatriz, Doçu é poeta e tocador, Bedigá é o advogado e o que herdou a coroa.

Os Toquéns são do grupo denominado de toquéns ou toquenos. São vistos como ajudantes ou guias que vêm no início e convocam os outros. Todos possuem em média 15 anos e são do sexo masculino ou feminino, além de alguns serem meios-irmãos, ou seja, filhos com paternidade igual, mas com mães desiguais. Por outro lado, as tobóssis são as divindades infantis compostas por mulheres, e somente as vodúnsis-gonjaí que haviam participado do procedimento de feitoria as recebiam. Entretanto, por conta do falecimento das últimas gonjaís, as tobóssis não continuaram sendo recebidas. Esta era uma divindade que brincava como criança e falava em idioma africano, porém o entendimento era difícil, pois falavam muitas palavras de forma incompleta. Cada tobóssi vinha unicamente em uma gonjaí, e quando ela falecia, a tobóssi não retornava, pois seu propósito já havia sido alcançado. Esses espíritos são mais elevados em comparação aos voduns, porém, não mais importantes. Eles dão maior permissão na ligação direta feita no corpo das vodúnsis e o nível hierárquico só aumenta quando a gonjaí passa a receber tobóssi.

Além disso, as divindades alcançam em média o número de 60, e incluem os *voduns* e *toquenos*, além das tobóssis. A divisão delas se dá por três panteões ou famílias, a exemplo temos: as de Davice, as de Dambirá, Quevioçô e as secundárias, também chamadas de Savaluno e *Aladá* que se formam como clãs e se estabelecem em lugares determinados do Templo.

A família de Davice é uma família real e seus vodúnsis são da realeza. A Casa possui nomeação de jeje de Querebentã justamente pelo título significar o nome do palácio da



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

população de Davice que chegou primeiramente aqui e originou a Casa. Várias dessas divindades fazem parte da linhagem de Abomey.

A segunda família é a de Savaluno, como afirma Costa:

Savaluno é o nome da parte norte do antigo Daomé, o país Mahi, onde surgiu a adoração dos tohossu, os espíritos dos filhos dos reis nascidos anormais, chefiados por Zomadônu. Savaluno vem ser o amigo do povo que veio de Davice e também amigo de Zomadônu, mas não são jeje. Dizem também que o povo de Savaluno foi destituído de seu território e ficou morando com os jeje. A maioria morreu quando eles perderam o trono e só ficaram quatro, que foram agasalhados por Zomadônu. Eles chegaram aqui depois da Casa fundada, são hóspedes, moram no quarto do corredor da cozinha depois de Zomadônu e são incluídos na família de Davice. (1948, p. 76, apud FERRETTI, 1996, p. 111).

A linhagem da parte de Dambirá é liderada por Acóssi Sapatá, um curador que conhece as medicações para as doenças em sua totalidade. O termo Dambirá vem da moradia dele, formada por pobres poderosos que combatem enfermidades: “O reinado deles é uma casa de sapê. Dizem que antigamente na Casa o cordão de Dambirá era o maior, com mais de vinte filhas” (FERRETTI, 1996, p. 114).

A família é grande e não possui mãe, então alguns têm proximidade com o reino de Davice, outros foram em busca do mundo, e o restante ficou doente. A última família é a de Quevioçô e Ajautó de Aladânu, se constitui de formação nagô e voduns com controle sobre as chuvas, trovões e lutam contra as tempestades. Grande parte dos componentes dessa família são mudos e não revelam os mistérios dos nagôs. A família é grandiosa, mas somente a mãe de alguns desses filhos foram para a Casa e ficaram hóspedes de Zomadônu: “Averequete e Abé são os mais novos que representam os mais velhos. São os únicos que falam e fazem os papéis de toquéns. Os outros se comunicam por sinais” (FERRETTI, 1996, p. 120).

A ligação biológica é condizente ao povo em que o indivíduo nasceu e a linhagem de santo remete ao grupo do ritual no qual ele participa. Na Casa das Minas, a ligação religiosa possui duas características: primeiramente, as filhas-de-santo são consideradas irmãs-desanto iguais aos outros Templos, e, posteriormente, as divindades são agrupadas em famílias.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Figura 9 – Número de divindades conhecidas na Casa das Minas

<i>Categorias/Famílias</i>	<i>Davice</i>	<i>Savaluno</i>	<i>Dambirá</i>	<i>Quevioçô/Aladá</i>	<i>Total</i>
Voduns: Masculinos	7	3	11	6	27
Femininos	4	–	2	5	11
Toquens: Masculinos	7	1	–	1	9
Femininos	2	–	–	–	2
Tobossis: Femininos	7	2	4	3	16
Totais	27	6	17	15	65

Fonte: FERRETTI (1996).

5. O Rito

As festas de costume que acontecem na Casa das Minas apresentam a divisão pública e privada. A primeira parte é aberta para as visitas e a segunda (privada) participam somente pessoas selecionadas. A primeira característica da festa para os visitantes é a ocupação por danças, seguido por buscas aos voduns. Geralmente acontece em torno da noite com um início de ladainhas, entrega de comidas e encerramento meia-noite. A festa privativa traz a morte dos animais para fazer os alimentos e invoca as divindades, momento que se divide em quatro fases: Zandró, que seria o começo da festa, posterior a esse momento, têm-se o Narrunó, que apresenta a matança dos animais, Jonu são os agradecimentos e Nadopé o encerramento.

Acontecem festas grandes no terreiro, compreendendo eventos míticos compostos por um tempo longo de toque e matança dos animais. É tradição dos terreiros manter esse ritual de obrigação por três dias e acontece a vinda das divindades. No ano, uma vez ou duas, acontecem autênticas festas com duração entre sete e treze dias, podendo durar mais tempo, no qual acontece o recebimento dessas entidades.

Os participantes deste terreiro se declaram católicos e preservam essa religião, conservam altares com a imagem dos santos e o nomeiam com o título de “vulto”. As festas relevantes acontecem nas vésperas, no dia oficial do santo, e na data seguinte. Isso acontece, porque a comemoração no dia anterior e no dia oficial do santo é princípio da religião católica, sendo que o dia seguinte é geralmente chamado de “lava-pratos” e são realizadas em torno de 10 festas.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]

Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas e da Diáspora Negra nas Américas

Figura 10 – Calendário de Festas da Casa

Mês	Dias	Nome da Festa	Copresonância	Motivo
Dec.	(1), 4, (15) (24), 25, (26) (31)	Noite Sobó Noite Nae Tojuens	Santa Bárbara Natal ---	Abertura do ano litúrgico Presépio, Sinha Velha Aniversário
Jan.	01, (02) (05), 06, (07) 19 20, 21	Zomadôru Docu Toi Acensi Azenc, Azilj	Ano Novo Reis S. Lázaro S. Sebastião/S. Roque	Pagamento Aniversário Patinhas Jantar dos Cachorros
Fev.	Móvel Móvel	Tomaço Arramban	Seri, Carnaval 4ª feira de cinzas	Preparo de Oferendas Levantamento da Carga
Mar.	Quaresma	---	---	---
Abr.	Móvel	Nanã	Sábado de Aleluia	Arxada da Carga
Maio	Móvel	Cioo da festa do Drivno Noite Sepazin	1ª ou 2ª dom. Páscoa 3ª ou 4ª dom. Páscoa 4ª feira veap, Ascensão Domingo do meio Domingo Pentecostes 2ª feira Pentecostes 3ª feira Pentecostes	Abertura da Tribuna Buscamento do Mestre Levantamento do Mestre Visita dos imperios Dia da Festa do Drivno Derriba de Mestre Corimbó, Encerramento
Jun.	(11), 12, (13) (13), 24, (25) (28), 29, (30)	Peilbaji Noite Nae Bade	Santo Antônio São João São Pedro/São Marçal	Aniversário Festa das Gaijas Aniversário
Jul.	Móvel	(Tambor de Cuuro)	---	Despacho de Delimita
Ago.	2º Domingo	Averaque	São Benedito	Aniversário
Ser.	27	Treá, Tocé	São Cosma e Damião	Festa das Crianças
Out.	---	---	---	---
Nov.	---	---	---	---

FONTE: Informações das festas filhas-de-santo
CONVENÇÕES: --- época sem festas; x não tem sido realizada e (!) festa sempre se comemora

Fonte: FERRETTI (1996).

As cantigas, as danças e os instrumentos estão presentes nas cerimônias da Casa das Minas e constituem grande importância para os seguidores e visitantes do templo. As canções acontecem em linguagem jeje, momentaneamente intercalada com a linguagem em português, desempenhando um papel importante nos rituais de tambor. Essas toadas aproximam-se de mil ao todo e, para cada motivo, existe uma melodia própria designada para dar significância a essa fase da cerimônia.

Em meio aos rituais, as filhas sempre usam vestimentas importantes para compor a simbologia presente nesses momentos de chegada das divindades, ou seja, em instantes de transe. Em tempos de festividade, os voduns aparecem e vão para o comé para reverenciar os assentamentos batendo palmas e cantando. Em seguida, os voduns vão para os cômodos pertencentes às suas famílias e escolhem as vestimentas que querem usar. As cores são como representações nas festas, então cada divindade possui a sua. As mais importantes são as cores vermelha, azul, branca e estampada. Quando acontecem as festas, elas usam saias compridas de cetim e sandálias de pelica de mesma cor, além de utilizarem blusas brancas e toalhas que são colocadas por cima da saia quando recebem voduns. As toalhas são elementos fundamentais de conhecimento do culto, pois existem diferenciações condizentes com o sexo e a faixa etária dos voduns. Para o vodum novo, a toalha é utilizada na cintura, mas quando é mais velho, a toalha é amarrada debaixo dos ombros e acima dos seios.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

Figura 11 – Festa de Badé.



Fonte: IPHAN (2001).

Em toda cerimônia é costume acontecer banhos que são geralmente feitos de ervas e águas armazenadas no comé. O banho é iniciado antes das festas para purificação, enquanto o segundo é usado para retornar com o espírito preparado. Esse ritual é usado tanto pelas dançantes, quanto os tocadores e são distribuídos também em garrafas para os amigos. Os banhos ficam guardados em uma bacia no altar de Nanã para usar em partes do corpo. Assim, as filhas recebem uma garrafa com álcool e ervas para passar em áreas do corpo quando for preciso e existe sempre uma garrafa para as vodúnsis usarem antes de entrarem no templo.

6. Situação Atual

A religião presente na Casa das Minas representou grande importância para o ambiente afro-maranhense, pois os elementos que continuam enraizados nessa doutrina retratam também a resistência de um povo. A Casa surgiu em 1847 e conta a sua história até hoje por meio das tradições que ainda permanecem neste espaço em meio às modificações ao longo dos anos. Mas, como dito anteriormente neste trabalho, o último barco de iniciação completo aconteceu em 1914, e, devido a algumas modificações feitas de última hora nessa preparação, as vodúnsis-gonjaí que fizeram parte do ritual começaram a morrer a partir da década de 1970.

Neste momento, não foram recebidas outras filhas e vários rituais feitos anteriormente começaram a entrar em declínio. Após a morte das últimas gonjaís, as vodúnsi-he não puderam ser preparadas e, conseqüentemente, não estavam aptas para receber



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

tobóssis, realizar rituais específicos, ou preparar novas gonjaís. Em meio a entrevistas, pude conversar com o Senhor Euzébio Pinto, morador da Casa, huntó chefe da Casa das Minas, participante da administração do templo, e neto de Mãe Amélia Vieira Pinto, que tinha vodum da família de Davice tói do Sul. No seu relato, ele afirmou que hoje em dia existem somente cinco pessoas vivendo na Casa, sendo a Enedina, Zobeiuda, José de Ribamar, Elizabeth da religião e ele. Nos dias atuais, não acontecem mais matanças de animais, mas somente obrigações internas. Adicionalmente, continuam seguindo o mesmo calendário de festas feito no início, como a queimação das palhinhas do presépio, as ladainhas e as mesas de doces, além de acontecerem apresentações de Tambor de Crioula ou de Bumba-meu-boi.

7. Considerações Finais

A fundação da Casa foi o início de uma nova realidade cultural e ritualística para os negros africanos vindos do Sul de Benin. Desta forma, o culto praticado trouxe grande valor patrimonial-cultural e, mais tarde, o título de Patrimônio Cultural do Estado do Maranhão pelo IPHAN, concedido em 17 de agosto de 2001, por reconhecer a importância de preservar este bem.

Para se atingir a compreensão acerca da africanidade religiosa na Casa, foi necessário entender o referido culto e sua importância para a resistência cultural, por meio da sua formação e sua identidade. Conforme demonstrado, tem-se, de maneira geral, um histórico que retrata a importância e resistência da Casa para o Estado. Entretanto, entra-se no aspecto de que a religião, por ser naturalmente fundada por africanos, foi criando um contexto único de introdução de membros na Casa. Posteriormente deu-se início a um declínio da religião devido ao não recebimento de novas filhas, de modo que vários rituais característicos foram deixando de serem feitos, ocasionando a percepção de um futuro incerto da Casa.

Em concordância com a pesquisa, percebe-se também um grande potencial em relação ao objeto de estudo, pois é possível reconhecer a importância e relevância da cultura presente na Casa das Minas para com a sociedade, e sua resistência por meio de sua



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

história. Ressalta-se ainda que, compreender a cultura presente no templo faz com que essa e futuras gerações respeitem a história formadora da cultura africana do Estado, e percebam a herança inigualável para o Maranhão.

Ao considerar essa abordagem, as relações dos indivíduos de fora mudam a favor do aspecto cultural ali presente, influenciando assim em novas dinâmicas culturais de contato da Casa com este meio externo. Mas além disso, é importante trazer essa discussão da base e levá-la para diversos âmbitos populacionais, trazendo mais estudos e palestras sobre a influência do negro, que é tão presente em diversos aspectos culturais, indenitários e únicos. Políticas públicas também devem ser iniciadas para que interajam mais ativamente com a Casa e possibilitem obras que mantenham o prédio, além de leis que assegurem direitos de proteção a este templo sagrado.

8. REFERÊNCIAS

ALVARENGA, Oneyda. **Tambor de mina e tambor de crioula, registros sonoros do folclore musical brasileiro**. São Paulo, Discoteca Pública Municipal, 1948.

BARRETTO, Maria Amália Pereira. **Os voduns do Maranhão**. São Luís: FUNC, 1977. A Casa Fanti-Ashanti em São Luís do Maranhão. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1987, v. 1 e 2. (Tese de Doutorado em Antropologia).

BASTIDE, Roger. **Religiões Africanas no Brasil: Contribuição a Uma Sociologia das Interpenetrações de Civilizações**. ENIO MATHEUS GUAZZELLI & CIA. LTDA- São Paulo, 1971.

CAVALCANTI, Maria Laura. **A Casa das Minas de São Luís do Maranhão e a Aaga de Nã Agontimé**. Sociol. Antropol. vol.9 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2019 Epub Aug 19, 2019. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-38752019000200387&lng=en&nrm=iso&tlng=en Acesso em: 16 nov. 2019.

SILVA, Márcia Andréa Teixeira da. **LIBERDADE DE CULTO: uma abordagem do processo de diminuição às perseguições policiais em terreiros de Culto Afro-Brasileiro de São Luís na década de 1960**. TCC (Licenciatura em História) – Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, p. 98. 2008.

FERREIRA, Cássia Betânia; CONCEIÇÃO, Karen Cristina; SILVA, Tayany Kerlly. **Casa das Minas: Declínio das heranças jejes no Maranhão**. 64ª Reunião Anual da SBPC. Disponível em: <http://www.sbpnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/7605.htm> Acesso em: 16 nov. 2019.



SALVADOR E SUAS CORES [2021]
Por uma Agenda Antirracista para as Cidades Brasileiras, Africanas
e da Diáspora Negra nas Américas

FERRETTI, Mundicarmo. **A mina maranhense, seu desenvolvimento e suas relações com outras tradições afro-brasileiras.** Publicado em MAUÉS, R. e VILLACORTA, G. Pajelança e religiões afro-brasileiras. Belém: EDUFPA, 2008. Disponível em: [http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/281/1/Mina%20e%20outras%20de no minacoes.pdf](http://www.repositorio.ufma.br:8080/jspui/bitstream/1/281/1/Mina%20e%20outras%20de%20minacoes.pdf) Acesso em: 16 nov. 2019.

FERRETTI, Mundicarmo Maria Rocha. **De segunda a domingo, etnografia de um mercado coberto. Mina, uma religião de origem africana/** Mundicarmo Maria Rocha Ferretti - São Luís, SIOGE, 1985.

FERRETTI, Sérgio Figueiredo. **Querebentã de Zomadônu: Etnografia da Casa das Minas/** Sérgio Figueiredo Ferretti. - 2ª ed.- São Luís; Editora: EDUFMA, São Luís, MA, 1996.